

ECUMENISMO PARA O NOVO MILÊNIO

Paulo Ayres Mattos

Às portas do terceiro milênio, o ecumenismo vive momentos de indefinição quanto à sua identidade: submeter-se à ênfase exagerada na institucionalização do movimento ou manter-se fiel à proposta de unidade de todo o povo de Deus visando a um testemunho fiel do Evangelho. Neste artigo, o autor analisa esse quadro, tendo em vista especialmente a realização da Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas, principal símbolo do movimento ecumênico internacional

O ecumenismo morreu; viva o ecumenismo!" Esse brado vem sendo gritado nos últimos anos com muita insistência em diferentes contextos e situações. Que ecumenismo morreu? qual está vivo? As perguntas também têm diferentes respostas nos diferentes contextos e situações. É dependente principalmente do lugar de onde falam os que buscam responder a elas.

O surgimento do movimento ecumênico moderno foi resultado da percepção e da indignação sobre quanto a divisão dos cristãos impedia tanto em casa como nos "campos missionários" o testemunho do Evangelho. Em casa, cristãos enfrentavam, contraditoriamente divididos por classes e nações, questões relacionadas com a justiça e a paz, num contexto em que o Evangelho foi engolido pelo "Cristo da Cultura". Nos "campos missionários", além dessas, confrontavam-se com o testemunho do Cristo dividido entre diferentes, conflitantes e competitivas igrejas ante os povos a "serem evangelizados", num contexto em que freqüentemente o Evangelho foi apequenado pelo "Cristo contra a Cultura".

Foram essas percepções e indignação que atraíram, seduziram, mobilizaram e articularam homens e mulheres ao redor do mundo para o movimento ecumênico. Essa experiência de perceber e de indignar-se com a fragmentação de igrejas e do próprio mundo somente se pode atribuir ao mover do Espírito de Deus em meio às dores vividas pelas igrejas num mundo que crescentemente sofria um alucinante e galopante processo de autodestruição. A busca pela unidade do *laos tou theou* (povo de Deus) para um testemunho mais íntegro ante as questões de vida e morte enfrentadas pela humanidade na virada do século XIX e a maior parte do século XX empolgou gerações e gerações ecumênicas. Foi esse projeto que tornou possível que o ecumenismo sobrevivesse às catástrofes do colonialismo, de duas guerras mundiais, de centenas de "guerras localizadas", da guerra fria, da miséria e da exclusão impostas pela espoliação internacional, do imperialismo cultural, do racismo, do sexismo e da intolerância religiosa. Tal projeto tem tido sempre como inspiração e referencial maior o Evangelho do Reino anunciado por Jesus de Nazaré, critério que julga não só a presente ordem de todas as coisas, mas principalmente a prática eclesial das próprias igrejas. A fidelidade ao projeto do Reino tornou possível o testemunho ecumênico do Evangelho

libertador em seis continentes nos últimos cem anos.

A ARMADILHA INSTITUCIONAL

Da perspectiva de quem tem participado do movimento ecumênico em diferentes contextos nos últimos trinta e tanto anos, está cada vez mais claro que o ecumenismo que morreu não foi este e sim aquele que caiu na armadilha institucional. Não que depois de todo esse tempo se tenha degringolado para um basismo anti-institucional; muito pelo contrário, pois considera-se a questão institucional cada vez mais pertinente para o movimento ecumênico. O que quero dizer é que ao optarem pela realização institucional do projeto de unidade da *oikoumene*, os setores ecumênicos que fizeram tal opção entraram num beco sem saída.

A opção pela institucionalização do movimento ecumênico tem sido resultado de um processo que foi se impondo ao longo de mais de cinquenta anos, desde a famosa Conferência de Edimburgo, cuja expressão mais visível foi a criação de conselhos de igrejas, nos níveis mundial, regional e nacional, e de uma série de outras instituições eclesiais e paraeclesiais. Essa opção levou a uma estratégia que reforçou a obsessão pela quantidade, com inclusão de maiores contingentes de igrejas e grupos em tais organismos, em detrimento da qualidade daqueles setores das igrejas que impulsionaram o projeto ecumênico entre o último e o primeiro quartos dos séculos XIX e XX.

Mas à medida que o processo de institucionalização tomou maior impulso, especialmente a partir do final dos anos de 1960, tal projeto cada vez

mais foi preterido em favor de uma unidade institucional na qual crescentemente foram sendo feitas concessões nos valores fundantes do ecumenismo. Esse ecumenismo, contudo, trouxe em si mesmo o germe de sua morte, pois a obsessão pelo crescimento quantitativo está acabando por matá-lo. Por outro lado, os setores eclesiásticos comprometidos com ele são os mesmos responsáveis pelo fortalecimento do confessionalismo e do fundamentalismo no interior das próprias igrejas, procurando crescentemente impor agendas denominacionais ao movimento ecumênico. E muitas dessas agendas denominacionais obedecem hoje ao paradigma da espiritualidade *prêt-à-porter* que a lógica do mercado livre impõe ao mundo das religiões. É a lógica da uniformidade do pensamento único, ao contrário da lógica ecumênica da "unidade na diversidade". Exemplo claro desse desgastante momento é a atual situação vivida pelo Conselho Mundial de Igrejas, submetido incessantemente a ataques das próprias igrejas-membros em nome da "reta doutrina".

"ECUMENISMO AO REVERSO"

Para agravar a situação, temos presenciado nos últimos vinte e cinco anos a hegemonia crescente do processo de globalização, o novo nome da exploração internacional. Na feliz expressão do bispo Aldo Etchegoyen, da Igreja Metodista Argentina, tal processo espoliativo levou à imposição do "ecumenismo ao reverso" a quase todo o mundo e o projeto de unidade das forças que em todo o lugar produzem principalmente de maneira massiva a opressão e a marginalização daqueles setores mais fracos de nossas sociedades. Tais forças têm buscado impor a lógica do pensamento único, ideologia correspondente à economia do mercado único, antípoda de tudo aquilo proposto pelo ecumenismo fiel ao Evangelho libertador. Infelizmente muitos setores eclesiásticos, conscientes ou inconscientemente, têm-se curvado diante desse novo totalitarismo.

A fidelidade ao projeto do Reino tornou possível o testemunho ecumênico do evangelho libertador em seis continentes nos últimos cem anos

Para sobreviverem às novas regras do capitalismo financeiro, poderosos setores do ecumenismo institucional têm-se submetido e procuram submeter os parceiros a reestruturações institucionais que condicionam as parcerias a "políticas de resultados", que acabam por desfigurar o compromisso libertário e libertador do ecumenismo.

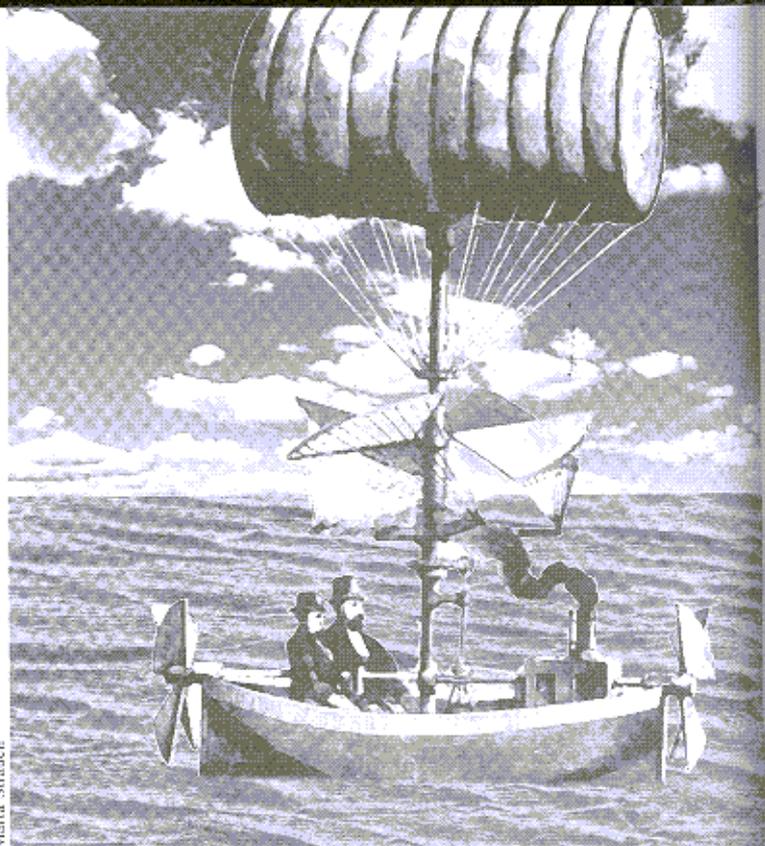
Ora, ao longo de quarenta anos, as pessoas que vieram a constituir o movimento representado hoje por KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço se inserem na corrente ecumênica que assume o compromisso com o Evangelho libertário do Reino como princípio fundante de sua prática tanto no interior das igrejas como no meio das sociedades em que vivem. Tem sido o compromisso evangélico com a liberdade e com a libertação que nos tem inspirado a nos levantar no interior de nossas

igrejas, da sociedade brasileira, em favor da justiça, da paz e da solidariedade. Temos lutado pela unidade de todo o *laos tou theou* como valor imprescindível para nosso testemunho e luta em favor da unidade de toda a *oikoumene*. É somente nessa perspectiva missionária que vai além das fronteiras da própria *Ecclesia* que encontramos sentido para a unidade dos seguidores de Jesus.

Em nome de tal compromisso com o Evangelho temos buscado assumir a luta pelos valores fundantes do ecumenismo na vida eclesiástica e social. E não com pouco sofrimento temos aprendido pouco a pouco que o testemunho evangélico nos empurra para a marginalidade e para a periferia de nossas igrejas e de nosso país. Isso tem custado a muitos de nós a experiência pessoal da perseguição e da exclusão, e, a alguns de nós, a da tortura e da morte. Tem sido, sem sombra de dúvidas, o preço por assumir como nossa a sorte dos excluídos e dos marginalizados que vivem na periferia do mundo.

O COMPROMISSO DE KOINONIA

Ao longo destes quarenta anos cometemos muitos equívocos em nossa



Maria Strauch

percepção e ação na vida de nossas igrejas e da sociedade. Houve momentos em que nossos referenciais com o Reino sofreram reducionismos ou fomos inspirados por outros valores que não os da solidariedade, da tolerância, da verdade, da justiça e da paz. Custou-nos, é verdade, muito perceber que havia na igreja e na sociedade outras exclusões que não as de classe, e que muitas das angústias que vivemos tinham a ver com os desejos não realizados da gente como indivíduos e comunidades... Também é verdade, como dizia o velho hino evangélico, que "tantos que corriam bem/ de ti longe agora vão;/ outros seguem que, também,/ sem calor e frio estão". Nossos limites ainda nos impedem de ser mais inclusivos e incluídos. Tudo isso, entretanto, jamais tem arrefecido em nós o compromisso ecumênico com o Evangelho da liberdade. No dizer do apóstolo Paulo, temos nos sentido "atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos..." (2 Coríntios 4,8,9). O ecumenismo libertário continua vivo e bem vivo nos proscritos da sociedade e das igrejas.

Nosso compromisso, nessa perspectiva libertária, tem marcado nossa trajetória ecumênica aos longo destes anos na antiga Confederação Evangélica do Brasil, em ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina), no CEI, no CEDI, e hoje em KOINONIA. Foi esse mesmo compromisso que nos levou a estar em parceria com o Conselho Mundial de Igrejas, compartilhando continuamente a solidariedade ecumênica, especialmente nos trágicos "anos de chumbo". Nosso companheirismo com o CMI tem-se baseado principalmente nos programas e projetos em favor da vida e da dignidade humana. Não temos nenhum problema ou constrangimento em assumir as lutas das vertentes ecumênicas que continuam afirmando que a unidade do *laos tou theou* só tem sentido quando a serviço missionário da

unidade de toda a *oikoumene*, na perspectiva dos valores e critérios proclamados pelo Evangelho do Reino.

O FUTURO DO CMI

É por isso que vemos com tristeza os difíceis momentos por que passa o CMI exatamente quando está celebrando o jubileu de ouro. Sentimos que nos últimos anos a lógica do ecumenismo institucional tem abafado a lógica do movimento ecumênico no interior do CMI, levando-o a um perigoso momento de apatia e letargia missionárias. As indecisões quanto a um projeto movido pelo Espírito de Deus têm sido em grande parte resultado da tendência dominante no aparelho interno do Conselho de se submeter à lógica das igrejas, pois o Conselho tem deixado de ser um conselho *de* igrejas, para ser um conselho *das* igrejas. A razão de ser do Conselho, apesar de muitos de seus significativos programas nas áreas de evangelização, formação ecumênica, saúde, justiça, paz, integridade da criação e da solidariedade cristã ainda em andamento, predominantemente tem deixado de ser o movimento missionário para ser a instituição eclesiástica. É sob a égide dessas indefinições que o CMI estará celebrando a próxima Assembléia Geral, em Harare, Zimbábue, comemorando cinquenta anos de organização. Há muita apreensão em todos os setores ecumênicos quanto aos resultados dessa assembléia e suas implicações para o movimento ecumênico como um todo. É preciso reafirmar continuamente a importância institucional do CMI para o ecumenismo libertário, pois certamente é uma das poucas instituições internacionais com carisma para enfrentar os poderes e potestades hoje representados pelo FMI, Banco Mundial e outras instituições similares.

Como KOINONIA queremos reafirmar nosso compromisso com o movimento ecumênico libertário inspirado nos valores do Reino. Para nós isso, antes de mais nada, significa nadar contra a corrente que busca im-

por-se totalitariamente a todo o mundo: *ideologicamente*, é um não e um basta à lógica do pensamento único na sociedade e nas igrejas; *politicamente*, é um não e um basta à ditadura econômica do Mercado Livre; *teologicamente*, é um não e um basta à idolatria ao Deus Mercado; *culturalmente*, é um não e um basta à intolerância e ao sectarismo. Isso significa um compromisso inabalável com os setores marginalizados e excluídos pelo processo de globalização.

Ora, isso só poderá ser feito a partir das margens e das franjas da sociedade e das igrejas e nunca de seus centros de poder institucional. Significa um compromisso permanente com a proscricção. Essa tem sido e continuará sendo a nossa história. É nessa perspectiva que continuaremos trabalhando solidariamente nas parcerias com aqueles setores que nas instituições ecumênicas também assumem o compromisso com os valores fundantes do ecumenismo libertário. Antecipe-se aqui o que nossos companheiros de KOINONIA estão dizendo e que estas páginas vão voltar a discutir no próximo número: "É nisso que depositamos nossas esperanças. Esperanças compactuadas e fundidas em três dimensões teológicas: da utopia do reinado dos excluídos e seus aliados, nação de proscritos no Reino de Deus; da liberdade dos filhos de Deus contra toda deificação ou idolatria histórica de mercados ou o que quer que seja; e da dignidade da criação para o gozo e a alegria hoje, tempo oportuno à vida na justiça em fraternidade e abundância, qualquer que seja a sua origem cultural e geográfica". Nossa fidelidade a esses valores nos fará ficar de pé ou a desaparecer, mas nunca a conceder. E isso vale também para a nossa parceria com o Conselho Mundial de Igrejas. Para tanto que Deus nos ajude!

Paulo Ayres Mattos, bispo metodista, é presidente de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.